

# A incansável busca da perfeição

Filha mais velha de dois sociólogos – Ronaldo Conde Aguiar, autor de vários livros, dentre eles o *Almanaque da Rádio Nacional*, publicado em 2007 pela Casa da Palavra, e Elisete Aguiar, funcionária de carreira do CNPq, membro da Coordenação de Competitividade e Difusão Tecnológica do Comitê, uma referência na área de incubadora de empresas –, a Oficial de Desenvolvimento de Negócios do Consulado Geral do Canadá, Nadine Lopes, é presença frequente do setor de óleo e gás.

por **Cassiano Viana**



HÁ ANOS É ELA A RESPONSÁVEL pela presença e trânsito de empresas e profissionais britânicos – antes, quando trabalhava para o EIC (Energy Industries Council, ou Conselho Britânico de Energia), e agora canadenses, não só nos eventos como a Rio Oil & Gas, Brasil Onshore e Rio Pipeline e missões no Brasil, mas também como cicerone dos brasileiros em missões internacionais como a Internacional Pipeline Conference (IPC), realizada em Calgary, Canadá, a cada dois anos.

“Sou paulistana, criada no Rio de Janeiro até os 10 anos. Tenho ainda um casal de irmãos, Pedro e Fernanda, que trabalham para o governo. Meu pai foi funcionário público e transferido para Brasília em 1980. Considero-me uma candanga e adoro Brasília”, diz. “Tive uma juventude muito feliz e saudável ouvindo Legião Urbana, Capital Inicial... ou a Plebe Rude tocando no quintal de suas casas. Fui vocalista de uma banda punk rock. Sou uma cantora frustrada”, brinca.

Nadine viveu em Brasília até os 21 anos, quando casou com um engenheiro florestal e foi morar no Projeto Jari, na fronteira do Pará com o Amapá.

Criado em 1967 pelo empresário norte-americano Daniel K. Ludwig, na época com 74 anos de idade, o Projeto Jari foi um dos maiores e mais ambiciosos programas agroindustriais de seu tempo. Ludwig, conhecido como um grande visionário e empreendedor, decidira produzir celulose de alta qualidade e papel, a partir de áreas reflorestadas. “Passamos cinco anos no Jari. Anos de muito trabalho. Foi muito enriquecedor, mas também muito duro:

era um lugar completamente rústico, longe da cidade grande e de tudo de bom que ela oferece”, lembra. “Não tinha vida cultural, não tinha restaurante, barzinho, livraria, nada. Foi difícil. Fizemos grandes e bons amigos, que mantemos até hoje.”

Nadine conta que a vida no Jari daria um livro. Ter trabalhado no projeto foi uma experiência única e muito enriquecedora. “Basicamente qualquer profissional, de qualquer área, que fosse viver lá, teria uma experiência ímpar”, observa. “As limitações e dificuldades eram muitas. O acesso ao projeto se dava somente por barco ou avião. Não havia estradas. Tampouco as facilidades da vida urbana. Montei uma escola de inglês para atender às famílias dos engenheiros da fábrica e das duas mineradoras presentes no Projeto. Foi um sucesso. Aprendi a improvisar e tive, por pura necessidade, que desenvolver a criatividade. Faltava material, faltavam livros, faltavam insumos básicos de que toda escola precisa. Supri muitas destas necessidades de maneira criativa sem deixar perder a qualidade.”

Nadine é formada em idiomas e tradução pela Universidade de Brasília (UNB). Foi levada ao curso pela adoração e facilidade com idiomas e por uma incompatibilidade com as ciências exatas. “Meu trauma escolar foi nunca ter aprendido matemática. Virei professora por causa do Jari. Lá, montei uma escola de inglês que foi muito bem sucedida. Cheguei a ter mais de 150 alunos, só eu. Tenho ex-alunos que me procuraram até hoje.”

Em Brasília, antes do Jari, trabalhou como tradutora no Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPq), fazendo resumos de documentos técnicos e traduções para o português para publicação em uma revista periódica do Conselho. “Foi interessante vivenciar o ambiente de um órgão público. No caso do CNPq, lá existe muito pesquisador, das mais variadas áreas do conhecimento. Pessoas que me inspiraram e me orientaram sobre a carreira,



as escolhas e opções que eu teria na vida profissional. Fiquei um ano e meio lá. Foi muito válido.”

Quando o casal mudou para o Rio de Janeiro, Nadine continuou dando aula, mas não estava satisfeita. “Este é um mercado instável e, como boa virginiana, a instabilidade me tira do prumo. Infelizmente, o professor é muito mal remunerado neste país.”

Como desejava um emprego formal, trabalhar na área de comércio exterior pareceu uma boa opção de mudança. “Fui fazer a pós-graduação em comércio exterior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e acabei indo trabalhar no EIC, que estava procurando profissionais para tocar o processo de abertura da subsidiária no Brasil.”

“Mais uma vez, o começo foi um momento difícil. Tínhamos dificuldades principalmente quanto a questões de diferenças culturais. No Reino Unido, por exemplo, é muito raro ter a figura do *guarantor* (fiador) no aluguel de imóveis. Foi um parto convencer a matriz em Londres de que no Brasil era assim ou pagava-se uma espécie de caução. Mas depois de estabelecidos, o escritório foi sempre muito bem e ajudamos inúmeras empresas britânicas. Aprendi muitíssimo no EIC. Foi a base de tudo o que sei sobre o mercado de petróleo.”

Para a vaga no consulado canadense, Nadine conta que enviou o currículo por acaso, não estava procurando uma recolocação. “Quando a gente menos espera pintam coisas boas na vida. E filho traz prosperidade! Eu estava em licença maternidade. Minha filha mais nova tinha dois meses e tive que deixar uma mamadeira de leite em pó de emergência para ir à entrevista. Fui pega de surpresa. Sempre tive vontade de trabalhar em um Consulado aqui no Rio”, conta.

Nadine assegura que, em geral, o trabalho consiste em dar apoio e orientar empresas a fazer negócios no mercado brasileiro de petróleo e gás. “Mas este trabalho tem também um enfoque em inteligência de mercado com elaboração de relatórios, análises e documentos que me exigem maior concentração e muita escrita”, detalha. “Gosto muito dessa parte.”

A oficial se considera uma pessoa realizada profissionalmente. “Mas tem muitas

coisas que gostaria de fazer e, simplesmente, não tenho tempo. A tradução é uma atividade de que gosto também. É muito solitário, mas adoro. Talvez futuramente eu invista nessa área. Sou tradutora por formação."

Como perfil: "Boa formação acadêmica, vivência de outras culturas, flexibilidade, muito jogo de cintura e talento para sempre fazer *networking*. Bons contatos são tudo nessa área mais do que em outras."

Fora do trabalho, seu maior prazer é estar com a família. "Sou casada há 18 anos e temos dois filhos pequenos. Estar com eles é minha alegria na vida. Quando nasceu o Vitor, meu menino querido, fiquei enlouquecida de tanto amor. Engre-



nei logo depois a gestação da minha querida Marina. Eu teria mais se a vida moderna e corporativa oferecesse mais flexibilidade às mulheres no Brasil. Além disso, adoro correr. Corro há muitos anos, na Lagoa. É minha válvula de escape. Adoro também ir ao cinema. Embora tenha ido muito pouco. Ler e ouvir boa

música também adoro. Gosto de rock'n roll (Pink Floyd, Rolling Stones, U2, Led Zepellin, etc. Tenho gosto eclético. Sempre fui fã de Madonna. Adoro MPB. E cantar. Amo dançar."

O signo de virgem: detalhista e trabalhando duro pelos seus objetivos, signo do elemento terra, e justamente por isso, pé no chão. "Sofro com isso de perfeição. Sempre busco isso em tudo o que faço e sofro porque não sou... ninguém é... e as coisas não acontecem exatamente como idealizamos. A perfeição – tentar tirar nota 10 em tudo: ser uma excelente profissional, excelente mãe, esposa, amiga, filha – é algo impossível, mas que nem por isso deixamos de buscar", ensina. ■

www.tnppetroleo.com.br

informação  
que repercute

